



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES. VIII. MINIATURISTAS E LITÓGRAFOS.

VITORINO, Pedro

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e colecções. VIII. Miniaturistas e litógrafos. *Revista de Guimarães*, 41 (3) Jul.-Set. 1931, p. 127-133.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, galerias e colecções

VIII

Miniaturistas e Litógrafos

Todos os amadores de arte desejosos de conhecer os objectos que vão pacientemente reunindo, nas suas origens, na sua factura e mesmo no seu valor, sabem as enormes dificuldades que se lhes deparam ao procurar esclarecimentos que satisfaçam a sua curiosidade. Notícias de autores, indicações exactas de tempo e de lugar, no tocante à arte portuguesa, não é muitas vezes possível obtê-las. Faltou em devido tempo a intuição do seu valor, para que fôsem convenientemente recolhidas. Bastante se tem feito já no domínio da investigação, mas é triste verificar as enormes lacunas existentes. A's vezes, lá se conseguem desenterrar umas notícias; bem pouco, afinal.

¿Que elementos encontra o coleccionador na maior parte dos nossos museus para esclarecer as suas dúvidas, para o orientar no estudo e na colheita? Vê objectos, melhor ou pior expostos (e em alguns deles arrumados sem sombra de método), incompreensíveis na sua mudez obstinada. Nada colhe além do agrado para os olhos; o espírito pouco aproveita.

Só dos artistas de certa notoriedade, autêntica ou alçada pela moda, a par dos trabalhos, se reuniram informações. Os outros ficaram esquecidos. Daí o desconhecimento nosso, da maior injustiça, respeitante a muitos nomes que honraram nobremente a arte do seu país.

Duas perguntas insertas no n.º 3 (173) do mensário portuense *O Tripeiro* (Janeiro, 1931) sugeriram-me este arrazoado. São elas:

• *Miniaturista* — ¿Quem saberá dizer quem era um miniaturista que se assinava Primavera? ¿Qual o seu verdadeiro nome? Onde e quando nasceu?

«A. J. Santa Marta (aliás Santa Bárbara) — ¿ Quem saberá dizer quando nasceu e onde, um pintor dêste nome que fez miniaturas? »

Tais perguntas, até à data, ainda não tiveram resposta, e creio que a não terão.

Estes dois artistas do segundo quartel do século XIX, como bons desenhadores que eram, dedicaram-se ao retrato, trabalhando em miniatura e em litografia, processo novo que os deveria seduzir pela grande vantagem da multiplicidade das provas. Não está inventariada a sua obra litográfica, como não estão também os seus trabalhos de pintura em marfim.

¿ Quem se lembraria de reunir os seus dados biográficos? Como os obter hoje?

Primavera assinava e datava, por vezes, as suas litografias. Conheço, entre outras, as seguintes: *Visconde de Queluz*, 1831; retrato de um desconhecido, 1832; *Padre Marcos*, 1834; *Conde do Cabo de S. Vicente*, s. d.; *Marquez de Fronteira*, 1847. A litografia do desconhecido, que possuo, tem indicadas a lápis as letras O. R. L., iniciais da Oficina Régia Litográfica, criada em 1824 por um decreto de D. João VI. Esse retrato apresenta um modelado excelente, o que coloca o artista a par dos melhores litógrafos franceses que nessa época se notabilizaram.

As litografias de Santa Bárbara acham-se também subscriptas, podendo indicar estas: *Barão da Ribeira de Sabrosa*, 1841; *Sá da Bandeira*, 1842; *António Bernardo da Costa Cabral*, 1843; retrato de M. Grestí (creio que uma artista cantora), 1849; retrato de D. Maria II (de grande formato), com esta subscrição: « Author e Editor A. J. de Santa Barbara, 1854, Largo de S. Paulo de Ribamar »; retrato do *Cardeal Patriarca Fr. Francisco de S. Luís*, 1864.

Tenho uma nota manuscrita que se lhe refere: « A. M. de Santa Barbara, Pintor retratista e Professor de desenho, tem sua residência rua de San-Bento 180 — 1.º junto ao arco »: com o acréscimo: « agora Rua do Sol de Santa Catharina, n.º 78, 1.º »

Esta nota encontrei-a entre vários papéis que pertenceram a Edouard Brohy, que em 1839 (segundo o *Almanak Estatístico de Lisboa*) era professor de desenho da Real Casa Pia. Brohy trabalhou muito em litografia, tendo por

auxiliar seu irmão Eugène, que dirigia a oficina litográfica do mencionado estabelecimento. E' para notar a diferença da segunda inicial, no nome do artista — M em lugar de J. ¿Será erro, ou haveria, de facto, dois artistas com o mesmo apelido, possivelmente parentes? Alguns trabalhos pela sua desigualdade fazem crer que sim. E' mais um ponto a esclarecer.

Numa carta dirigida em 1855 pelo Barão de Sarmiento a João Bâtista Ribeiro, em resposta ao pedido de um retrato de D. Pedro V, tirado ao daguerreótipo, alude-se a Santa Bárbara: «Muitos se fizeram aqui; mas Sua Magestade a Rainha de saudosa memoria, distribuiu todos pela Rainha d'Inglaterra, e pelos seus parentes da Alemanha. Eu tinha um que Sua Magestade me deo, mas um artista chamado Santa Barbara, pediom-o emprestado nas vesperas da nossa viagem no anno passado; e athe hoje não me tem sido possivel havel-o á mão apesar das diligencias que agora tenho feito, e das que fiz ha tempos para satisfazer eguaes desejos do meu amigo José Lourenço Pinto. Estou persuadido que o deixou desencaminhar com grandissimo sentimento meu.»

Primavera e Santa Bárbara fizeram a sua carreira artística em Lisboa. Do último, como miniaturista, há numerosos trabalhos.

A miniatura pela grande voga que teve na primeira metade do século XIX tentou todos os artistas do desenho dessa época. Já depois de destronada em França, ainda florescia fâcilmente no nosso país. «La miniature est une forme d'art propre au XVIII^e siècle. Presque inexistant avant lui, elle ne lui survécut guère.» (Pierre Lepinasse). Entre nós estava no seu auge. Era do bom tom possuir o retrato em miniatura e de esmerada educação também a saber executar.

João Bâtista Ribeiro, pintor residente no Pôrto, exerceu o cargo do «Mestre de Desenho e Pintura de Miniatura das Serenissimas Senhoras Infantas», filhas de D. João VI, por portaria datada de 1824. Esta distinção foi a recompensa obtida por algumas miniaturas feitas na Côrte, entre elas a de D. Carlota Joaquina (agora no Museu de Arte Antiga), da Duquesa da Terceira, destinada à Infanta D. Ana, e a desta mesma senhora. O Museu Municipal do Pôrto possui hoje um auto-retrato,

inacabado, de João Bâtista, por mim oferecido em 1929. Conservo uma placa de marfim com o contôrno a plombagina de um retrato, figurando a filha do fidalgo Cirne de Madureira, proprietário ao Dôço da Patas, no Pôrto, que foi enamorada do artista. Na Escola de Belas Artes do Pôrto deve existir um desenho representando a mesma senhora, do lápis de João Bâtista. Este pintor foi quem primeiro no Pôrto teve um prelo litográfico, oferecido em 1833 pelo Duque de Bragança. A obra litográfica de João Bâtista Ribeiro merece ser estudada, o que farei a seu tempo perante documentos originários.

Um nome quasi ignorado, um pintor falecido no Pôrto em 1829, é António José Pereira. Viera de Braga em 1823, para o Pôrto, por motivos políticos. Diz dêle Manuel José Carneiro no *Periodico dos Pobres no Porto* (20-II-1836): «Pintava tanto a oleo como em miniatura e em ambos os generos fez retratos em Braga, sua patria.»

O portuense José Alves Ferreira Lima, cujas poucas noticias se vêem na *Ilustração Moderna* (Pôrto, 1902), professor agregado de pintura histórica na Academia de Belas Artes do Pôrto nomeado em 1837, foi também um notável miniaturista e um litógrafo exímio. O retrato seu, que êle mesmo litografou em 1841, assim o mostra; conheço diversas litografias de sua autoria, entre elas uma com a designação «Reciproco penhor de amizade», onde parece estar o artista ao lado de dois amigos, datada de 1840.

O pintor João de Almeida Santos, que morreu no Pôrto aí por 1875, também foi miniaturista e litógrafo. Possui o seu retrato em fotografia, tirado nos seus últimos tempos; dêle sô mais sei que habitou alguns anos na rua Formosa.

Uma miniatura de família, o retrato de meu bisavô materno, Joaquim José Moreira, nome ligado à história do Pôrto por ser um dos restauradores de 1808, tem aposta a assinatura de um artista que ainda não encontrei citado — Sousa Lôbo. Mostra uma técnica perfeita e boa coloração. E' anterior a 1820.

Entre as miniaturas que possui o sr. almirante Carlos Braga, no Pôrto, conta-se uma assim subscrita: *Valente f. 1789*; retrato de homem, de casaca e cabeleira branca, finamente tratado.

Ultimamente vi duas miniaturas, assinadas, uma, *S. tos* (retrato de D. Miguel), outra *Silva*, (retrato dum desconhecido com traje do meado do século XIX). Creio serem, respectivamente, João de Almeida Santos e António José Durães e Silva, um e outro, artistas residentes no Pôrto.

Miniaturistas ou litógrafos foram quasi todos os artistas portuenses dos meados do século passado, mesmo alguns escultores, como João José Braga, que pintou sobre marfim, e Manuel da Fonseca Pinto, que desenhou na pedra litográfica.

A estima concedida à miniatura atraíu ao Pôrto vários artistas estrangeiros que geralmente não perderam o seu tempo em lá ir, visto representarem uma novidade sempre digna de atenção. No Jornal *O Artilheiro*, de 1835, saíu várias vezes o seguinte anúncio :

«Domingos Antonio Dugué participa ao Respeitavel Público, que chegou a esta Cidade, aonde em quanto se demorar executará a sua profissão, em que se lisonjeia ter adquirido muito crédito, como Retratista em Miniatura e a Oleo, com toda a perfeição que se pode desejar. Quem se dignar de querer aproveitar-se de sua habilidade saliente, sendo servido com toda a exactidão e equidade, se pode dirigir á Praça dos Ferradores, Hospedaria de Manuel da Rocha.»

Em 1865 falecia no Pôrto Vicente Pinto de Miranda que havia nascido no Rio de Janeiro em 1782. Conforme refere o meu illustre amigo Dr. Luís Xavier da Costa (*A obra litográfica de Domingos António de Sequeira*, Lisboa, 1925) «foi desenhador e miniaturista muito apreciável. Estando em Lisboa, empregado na secção de Minas, conheceu Bartolozzi com quem conviveu na maior intimidade, dedicando-se os dois mútua estima e colaborando em trabalhos».

Na crítica à Exposição de Belas Artes Portuense de 1860, publicada n-*O Jornal do Porto* (18-XII-1860), e subscrita por S., lê-se o seguinte, por certo referente a pessoa aparentada com o artista anterior. «Expoz o sr. Roberto de Miranda quatro preciosissimas, muito mimosas e muito graciosas miniaturas. N'este genero de pintura considera-se ter tocado a méta da perfeição quando se pinta assim.»

Na Exposição Internacional do Palácio de Cristal, de 1865, D. Francisca de Almeida Furtado apresentou-se com duas miniaturas, uma das quais representava a própria artista pintando, encostada a uma mesa.

A Francisco José Resende num artigo «Belas artes» de *O Commercio do Porto* (26-IX-1871), pertencem estas palavras:

«Passaremos a lembrar ao leitor um outro nome, honrosissimo para o bello sexo, lisongeiro em extremo para Portugal, nome tanto mais nobre quanto é cuidadosamente occulto pela sua excessiva modestia: queremos fallar de D. Francisca de Almeida Furtado, que, sem offensa nem lisonja, consideramos uma das primeiras miniaturistas no estrangeiro, a primeira e talvez unica entre nós! Não exageramos, fazemos justiça, asseverando que a eximia pintora portuense não é só notavel pelo seu elevado estylo, mas porque comprehende e profunda intimamente a sciencia e segredo do colorido, especialmente nas carnes, modelando-as suavissimamente com todas as regras e preceitos do claro-escuro, sem faltar á harmonia, tão difficil sobre o marfim!... E' para nós vangloria sabendo que esta senhora augmentará tambem com dois primores seus a proxima exposição de Madrid, sentindo que na de 1867 em Paris, onde teria occasião de tornar-se distincta entre os mais distinctos miniaturistas, nada expuzesse.»

Nessa Exposição Universal não ficou esquecido o nosso país na pintura sôbre marfim, conforme se vê numa das cartas do prof. Francisco Resende, acêrca da mesma exposição, dirigidas ao Conde de Samodães e publicadas em diferentes numeros d-*O Commercio do Porto* (IX e X-1867): «Faz honra a Portugal a miniatura do sr. Moura (Eduardo Lôbo de) residente em Londres; é um retrato de menino, corpo inteiro, habilmente pintado.» Foi célebre na sua especialidade.

Para concluir esta verdadeira manta de retalhos mal cerzidos, que duvido a alguém possa aproveitar, devo ainda incluir dois nomes, um quasi ignorado e outro por completo desconhecido: aquele de um miniaturista e litografo, Abdon Ribeiro de Figueiredo, discípulo de Silva Ocirensense (1844); êste de um desenhador caligráfico, João

Ferreira de Lima Sampaio, aqui incluso pela circunstância muito especial do trabalho que d'ele conheço, em meu poder, dar a perfeita ilusão de uma gravura litográfica.

Ambos mourejaram no Pôrto, vencendo dificuldades para viver.

Modestos, foi-lhes avêssa a fama, como a fortuna.

O desenho à pena, em letra microscópica tem a seguinte subscrição: *João Ferreira de Lima Sampaio, o fez no Porto no ano de 1852.* Numa cercadura ornamental, cheia de minúcias, com emblemas, datas e legendas, acham-se os discursos da Câmara e da Rainha quando visitou a capital do norte em 1852. No género, é do melhor que tenho visto.

PEDRO VITORINO.